



Recortes históricos sobre Caxias¹

Cláudio Moreira Bento*

SIGNIFICAÇÃO-HISTÓRICA DO DUQUE DE CAXIAS

No ano do bicentenário de nascimento do Duque de Caxias torna-se oportuno evocar a sua significação histórica.

Caxias tem sido alvo ora de silêncios, ora de deformações de sua imagem, ou de indiferença em locais e instituições que, por vezes, se limitam a cultuar sua memória de maneira mecânica, sem perceberem o real sentido e as preciosas lições de sua vida e obra. Tudo em contraposição aos conceitos que, até poucos anos atrás, dele emitiam o povo, a imprensa, estadistas, chefes militares, notáveis pensadores, escritores e historiadores militares e civis que o definiam como: *filho querido da vitória; o Pacificador; o General Invicto; o Condestável, a Escora, o Esteio ou a Espada do Império; Duque de Ferro e da Vitória; nume e espírito tutelar do Brasil; Símbolo da Nacionalidade; o maior soldado do Brasil; o maior dos generais sul-americanos; alma militar do Brasil ou o herói tranqüilo e perfeito, etc.*

Sua obra monumental de Pacificador em quatro lutas internas, e mais as suas modelares manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri, na Guerra do Paraguai, o credenciam a figurar, sem favor algum, na galeria dos maiores capitães da história militar mundial.

Sua eleição incontestada para Patrono do Exército o foi, como a definiu Pedro Calmon: *Como o chefe integral do Exército, o seu modelo, a sua alma, a imagem maravilhosa do espírito que nele deve vibrar, e a síntese mágica das virtudes e brios de que ele deve estar imbuído.* Ela se deveu, fundamentalmente, a haver ele vencido seis campanhas militares (quatro internas e duas externas), além de haver dirigido o Exército de forma marcante e muito fecunda, como Ministro da Guerra, em três oportunidades (1855/58, 1861/62 e 1875/78), cumulativamente com a Chefia do Governo do Brasil, na condição de Presidente do Conselho de Ministros.

Caxias foi o primeiro porta-bandeira do Pavilhão Nacional, tão logo proclama-

* Coronel de Engenharia e Estado-Maior. Historiador e Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil - AHMTB.

¹ Colaboração da Academia de História Militar Terrestre do Brasil - AHMTB, fundada em Resende, em 1996, pelo autor, e que também tem Caxias como seu Patrono, e a *Espada Invicta* em seu brasão

da a Independência. Ele o recebeu, em solene cerimônia, em 10 de novembro de 1822, na capela imperial, das mãos do próprio Imperador. E ninguém mais do que ele glorificaria a bandeira do Império que ele ali recebera.

Profissional ímpar, sempre sonhou com o exército desenvolvendo e praticando uma doutrina militar genuinamente brasileira, sonho que expressou, em 1862, com a ressalva, que fez constar do preâmbulo das Ordenanças do Exército Imperial, calcadas em adaptações das Ordenanças de Portugal às realidades operacionais do Brasil, realidades que ele próprio vivenciara: *...até que o nosso Exército possua uma tática genuinamente nossa.*

Como Ministro da Guerra, destaca-se, entre suas muitas realizações, a Escola Militar da Praia Vermelha, o primeiro Regulamento Disciplinar do Exército, de 1875, e a reforma do Quartel-General do Exército, no local onde hoje está o Pantheon, com sua estátua equestre e que abriga, em seu interior, os seus restos mortais e os de sua esposa.

Como cidadão, sua culminância foi pacificar a família brasileira em Ponche Verde, atual D.Pedrito, em 1º de março de 1845. Na Revolução Farroupilha, que por quase 10 anos assolou o Rio Grande do Sul, se consagrou pioneiro abolicionista, ao assegurar, a despeito de fortíssimas pressões de escravocratas, liberdade para os lanceiros negros farrapos, incorporando-os ao exército imperial, na Cavalaria Ligeira do Rio Grande, como homens livres.

Segundo Pedro Calmon, *...O barão de Caxias venceu sobretudo por convencer, pois a verdadeira vitória não consiste em sufocar ou subjugar o adversário, pois é*

antes uma tarefa de persuasão, de conquista de corações para que se atinja o ideal vencedor. E Caxias sobrepôs a olhos fraticidas, a dignidade da paz justa, cobrindo as forças em luta com o véu iluminado da concórdia e da pacificação. Pois ali reuniu, ao gênio de guerreiro consumado, a generosidade clemente e aliciadora.

Ao pedido de um áulico para que se festejasse a vitória com um *Te Deum* na igreja São Sebastião, em Bagé, optou por uma missa *em sufrágio das almas dos mortos imperiais e republicanos que haviam tombado em defesa de suas verdades*, e entre os quais encontrava-se seu tio, General João Manuel de Lima e Silva, que fora consagrado pelos farrapos como o seu primeiro general.

A grandeza desta tolerância a serviço da preservação da unidade da família brasileira fez com que os gaúchos o consagrassem como o seu presidente e a seguir como seu senador vitalício em 1845.

Como líder na batalha, o seu grande feito estratégico foi a modelar manobra de flanco da posição fortificada de Piquiciri, através do Chaco, onde, ao sacrificar o princípio segurança em benefício da surpresa, correu risco calculado para obtê-la, em nível estratégico, ao desembarcar em Santo Antônio, na retaguarda do inimigo. Essa manobra abreviou o fim do conflito e poupou vidas humanas e recursos de toda a ordem naquele que foi o maior conflito até hoje ocorrido na América do Sul.

Como líder de combate, seu maior momento foi na conquista da ponte de Ito-roró. Ao perceber que o seu Exército poderia ali ser detido, desembainhou sua invencível espada de cinco campanhas, brandiu-a ao vento, e voltou-se decidido e con-

vincente para seus liderados e apelou com energia com o brado: *Sigam-me os que forem brasileiros!* Ato contínuo lançou-se sobre a ponte de Itororó com o seu cavalo de guerra, afrontando o perigo e arrastando atrás de si os seus comandados. Essa expressiva vitória tática removeu o obstáculo que colocava em perigo toda a sua brilhante manobra estratégica através do Chaco.

Sua derradeira ação pacificadora foi a solução da Questão Religiosa, defendendo e obtendo a assinatura do decreto de nº 5093, de 17 de setembro de 1875, que concedeu a anistia aos bispos católicos envolvidos.

Caxias nasceu em 25 de agosto de 1803 no local onde hoje está o Parque Histórico Duque de Caxias, no atual município de Duque de Caxias, RJ, que recebeu esse nome em homenagem a seu filho ilustre. Faleceu em 7 de maio de 1880, aos 77 anos, na Fazenda Santa Mônica, em Juparanã, Valença, RJ, onde se recolhera e passara os dois últimos anos de sua vida, viúvo e aos cuidados de sua filha mais velha, a baronesa de Santa Mônica.

Segundo sua vontade expressa em testamento, foi transportado ao túmulo, no Rio de Janeiro, por soldados de bom comportamento cujos nomes foram imortalizados no pedestal de seu busto na AMAN.

Falou junto a sua sepultura, interpretando os sentimentos do Exército Brasileiro, o já consagrado escritor e historiador, Major de Engenheiros Alfredo de Taunay, que assim concluiu a sua antológica oração: *Só a maior concisão, unida a maior singeleza é que poderá contar os seus feitos! Não há pompas de linguagem! Não há arroubos de eloquência capazes de fazer maior esta individualidade, cujo principal atributo foi a simplicidade na grandeza.*

Capistrano de Abreu, grande historiador do Brasil, assim interpretou os sentimentos do Exército Brasileiro, ao saber que o Duque de Caxias havia dispensado as honras militares: *O Duque de Caxias dispensou as honras militares! Acho que ele fez muito bem! Pois as armas que ele tantas vezes conduziu à vitória, talvez sentissem vergonha de não terem podido libertá-lo da morte!*

O Exército manifestou-se oficialmente em Ordem do Dia alusiva ao seu falecimento concluída com esta afirmação: *Se houve quem prestasse serviços excepcionais ao Brasil foi o Duque de Caxias. Se houve quem menos os fizesse valer, foi o Duque de Caxias!*

Caxias, em sua longa vida militar, sublimou as virtudes da coragem, da abnegação, da honra, do devotamento e da bravura.

Desde 1931, os cadetes do Exército portam, como arma privativa, o Espadim de Caxias, cópia fiel, em escala, do glorioso e invicto sabre de campanha de Caxias.

CAXIAS E SUA ESPADA INVICTA

O Museu do Exército tem hoje em seu acervo a *espada* usada por Caxias como oficial superior. Com ela, o ainda Coronel Luiz Alves de Lima e Silva, pacificou o Maranhão.

Promovido em 18 de julho de 1841, Caxias adquiriu seu *sabre* de general, com o qual liderou o Exército em cinco campanhas vitoriosas - três internas (São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul) e duas externas - sabre que mereceu a consagração simbólica, de *Espada Invicta*.

O sabre de Caxias, hoje uma relíquia da nacionalidade, percorreu interessantes caminhos das suas mãos até o atual relicário no Instituto Histórico e Geográfico Bra-

sileiro (IHGB). Caxias o doou, em testamento, ao Brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa que, como 1º Tenente, fora seu Ajudante-de-Ordens na guerra contra Oribe e Rosas, em 1851-52. Como coronel, foi Chefe de seu Estado-Maior na Campanha da Tríplice Aliança, em 1866-68.

Sobre esse oficial, assim se expressou o Duque, na Ordem do Dia, de 14 de junho de 1869, antes de retornar vitorioso do Paraguai: *Prestou-me, como chefe de meu Estado-Maior, a mais dedicada cooperação em tudo quanto tem dependido de seu alto emprego, não só na condução regular de todos os negócios de meu serviço político a seu cargo, como nas batalhas e combates a que tem assistido sempre a meu lado, recebendo e transmitido as minhas ordens e expondo-se com sangue frio e abnegação aos riscos e perigos decorrentes.*

Este sabre de campanha foi localizado, em 1925, pelo Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, biógrafo de Caxias. Encontrava-se em poder de descendente direto de Fonseca da Costa, o Capitão-de-Corveta Caetano Taylor da Fonseca Costa que, em gesto que se reveste de nobreza e patriotismo, decidiu, naquele mesmo ano, doá-lo ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Em 19 de novembro de 1931, assumiu o comando da Escola Militar do Realengo o então Coronel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Oficial de escol, criou tradições, como os uniformes históricos dos cadetes, elo de ligação dos exércitos do Império e da República no Brasil. Criados os uniformes, julgou o Coronel José Pessoa que devessem eles ser complementados por uma arma símbolo, privativa do cadete. Decidiu-se que esta arma seria

uma miniatura, cópia fiel da *espada invicta*, o sabre usado em campanha por Caxias já general..

Tomada a decisão, o passo seguinte seria a localização do sabre original para servir de modelo à miniatura. Encontrá-lo foi uma grande tarefa, assim descrita pelo Marechal José Pessoa:

Porfiadas demarches foram então realizadas para concretizar a feliz idéia. Ignorávamos, até então, o paradeiro daquela relíquia histórica. Para isso recorreu-se em indagações a todos os lugares onde são destinados os troféus, sem ser encontrado. Afinal, com a preciosa colaboração do Dr. Max Fleius, fomos encontrá-la, entre outras armas gloriosas, nas coleções do IHGB. E, ainda com o auxílio do Dr. Max Fleiuss, secretário perpétuo daquela nobre e benemérita instituição, conseguimos a licença necessária para ser copiada a arma que é a nossa mais preciosa relíquia militar.

Localizado o sabre de campanha do Pacificador, o *Projeto Espadim* foi submetido à aprovação do Ministro da Guerra, General-de-Brigada José Fernandes Leite de Castro (1930-32).

Desejaram, aquele General e o Coronel José Pessoa, que Caxias, o Duque da Vitória, pairasse no seio dos cadetes do Brasil, de igual forma que Napoleão no seio dos cadetes de Saint Cyr, na França.

O Ministro Leite de Castro aprovou a proposta e concedeu o crédito correspondente para a confecção dos espadins. Os projetos e os recursos foram remetidos ao Chefe da Missão Militar Brasileira na Europa, Coronel José Duarte Pinto. Este, com desvelo e entusiasmo, cumpriu a missão, encomendando a confecção das peças à firma Solingen da Alemanha.

Em outubro de 1932 os espadins chegaram ao Brasil tendo sido incluídos na carga da Escola Militar do Realengo pelo BI nº 288 daquele ano. A seguir foram organizadas as “Instruções para recebimento e uso do Espadim de Caxias”, ao que se sabe, somente publicadas no BI nº 148 de 1938.

Nos dias 15 e 16 de dezembro de 1932 teve lugar a primeira cerimônia de entrega de Espadins aos cadetes, desdobrada em duas fases. A primeira, de âmbito interno e a segunda, uma solenidade pública realizada no dia 16 de dezembro, na Praça Duque de Caxias, atual Largo do Machado, no Rio de Janeiro, defronte do Monumento do Patrono do Exército e que contou com a presença do Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo Provisório do Brasil, e de várias autoridades.

“A cerimônia teve início com as bandas tocando o antigo toque de alvorada, o mesmo que, nos campos do Paraguai, despertava os nossos gloriosos regimentos. Toque que terminou com o de “Apresentar armas”. Quando profundo era o silêncio da grande assistência, ouviu-se a voz de um oficial, lendo com vibração as palavras sacramentais do juramento, no que era acompanhado pelos cadetes, que tinham os olhos fixos no semblante quase austero de seu Patrono e pareciam iluminados pela famosa estrela que guiou sempre aquele guerreiro de vitória em vitória, e que, certamente há de guiar as novas gerações, através dos caminhos ásperos da vida. Neste instante, ecoou o troar dos canhões e o rufar surdo dos tambores, anunciando a criação de uma nova arma, representativa das virtudes de nossos antigos combatentes. Seguiu-se a leitura do Boletim alusivo, do Comando da Escola, nº 297, de 16 dez 1932...”

Sobre o evento assim iniciou sua Ordem do Dia o Comandante da Escola Militar do Realengo, publicada no BI nº 297 daquele ano:

Cadetes!

Defrontando a estátua do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, aquele que, em vida, foi o maior dos generais sul-americanos, acabais de prestar o compromisso do recebimento do vosso espadim - arma - distintivo que reproduz o sabre glorioso do invicto soldado, que com atos de sublimada grandeza esmaltou com refulgência inigualável as páginas gloriosas da história nacional, marcando-as de traços imperecíveis e assinalando o seu nome como o do cidadão que melhor serviu à Pátria e mais a estremeceu.

...A espada que foi esteio de um regime, que em rudes prélios cimentou a unidade nacional e, em terras estranhas, acutilou bravamente os inimigos do Brasil, tendes hoje a honra e a rara fortuna de a cingirdes à cinta, outorgado ao Corpo de Cadetes o encargo de guardar aquele glorioso que reflete, no brilho espelhante do seu aço, a constância no dever e que nunca a ferrugem da deslealdade de leve sequer maculou, em meio século de intenso batalhar em prol da ordem e do prestígio desta terra estremeçada, a que ele serviu com inexcédível dedicação e bem alto a elevou no conceito das nações!

Na homenagem que aqui prestais - vossos espadins em continência, não reverenciais somente o vulto homérico do general nunca vencido, que enriqueceu de imarcáveis louros o Exército Brasileiro e iluminou de refulgências gloriosas uma época da vida nacional!...

Desde então o cadete é o único integrante do Exército a ter a honra e o privilégio de

cingir à cinta o sabre de Caxias, como a síntese e a expressão mais viva e sublime das virtudes militares do soldado brasileiro.

Há 71 anos, desde 15 de dezembro de 1932, inicialmente, na antiga Escola Militar do Realengo e a partir de 1944, na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende, repete-se anualmente a mais significativa cerimônia da vida dos cadetes – a entrega dos espadins aos alunos do 1º ano.

A grandiosidade do ato, a história dessa arma, seu simbolismo, as tradições que ela encerra, estão traduzidas nas palavras que os jovens futuros oficiais proferem em uníssono, como juramento:

Recebo o sabre de Caxias, como o próprio símbolo da honra militar.

O Coronel José Pessoa mandou gravar, na lâmina dos espadins, as palavras “Duque de Caxias” e o brasão de armas da Escola Militar.

Do IHGB, onde se encontra há 78 anos, o sabre de Caxias saiu três vezes, com toda a pompa e circunstância, para uma cerimônia na Escola Militar do Realengo e duas outras na AMAN.

A primeira ocorreu em 1939. O sabre foi posicionado, em solenidade de rara grandiosidade, defronte do Corpo de Cadetes, formado, e ao lado da espada do General San Martin trazida pela representação da Escola Militar da Argentina em visita ao Brasil.

Segundo o Prof. Pedro Calmon, em 1978, o sabre somente sairia do relicário onde se encontra no IHGB, em condições excepcionais, de alto sentido cívico, e com cerimonial condizente com a grandeza do simbolismo que ele traduz.

Assim, pela segunda vez, o sabre de Caxias – *a Espada Invicta* – foi levado a AMAN, em homenagem ao Presidente da República, General João Figueiredo, o primeiro ex-detentor do *Espadim de Caxias* a exercer a Presidência da República.

A terceira vez, em 1980, voltou à AMAN nas solenidades do centenário de morte do Duque de Caxias.

Nessas duas vezes, o professor Pedro Calmon, presidente do IHGB, impôs, como condição, ser ele levado à AMAN com toda a pompa e circunstância, no que foi atendido: uma Guarda de Honra, formada por cadetes e comandada por um oficial instrutor da Academia, historiador e também membro do IHGB², conduziu o sabre de Caxias nessas duas ocasiões.

Em 1939, o General José Pessoa, escreveu na Revista da Escola Militar que o *Espadim de Caxias*, símbolo do Corpo de Cadetes, ainda quase sem história, nem por isso deveria ser olvidado, pois fatos que então eram sabidos sobre ele, mais tarde seriam de difícil reconstituição, como o exemplo histórico da nossa lendária Academia Real Militar da qual, então, mal se sabia ter sido fundada por D. João VI.

Estava convicto o Marechal José Pessoa de que a História, *a mestra das mestras, é a mestra da vida e a mãe da tradição*. E que sem documentação, não há história e nem tradição que resista à ação do tempo. E estava convencido de que *o povo sem tradição, ou aquele que, se a possui, não a cultiva, é flor sem perfume, é espada sem têmpera, que quebra ao primeiro embate. É nau sem bússola, à deriva na tempestade, que não sabe de onde veio, onde está e para onde vai*.

² O então Tenente-Coronel Cláudio Moreira Bento, Instrutor da Seção de Geografia e História da AMAN.

Soube o Marechal José Pessôa construir e preservar, através dos cadetes do Exército, a tradição de rija têmpera moral e cívica, tal qual a do aço de que foi forjada a *Espada Invicta*, o sabre de Caxias.

Nas cerimônias de entrega de espadins na AMAN, faz-se presente a espada que o Duque de Caxias recebeu do povo depois da Guerra do Paraguai. Relíquia por vezes confundida com o sabre de campanha de Caxias, do qual foram copiados, em escala, os espadins dos cadetes. Esta espada simbólica que possui gravada na lâmina, de um lado, *Imperador e Constituição*, e do outro, *Honra e Pátria*, foi doada pelo povo brasileiro ao *General Invencível* ao retornar da Guerra do Paraguai. Ela foi entregue solenemente à AMAN, no dia 23 de abril de 1953, pelo Embaixador Joaquim de Lima e Silva Moniz de Aragão, descendente de Caxias.

O DUQUE DE CAXIAS E A EDUCAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL, EM 1846

O Barão de Caxias acumulava as funções de Presidente e de Comandante das Armas da província do Rio Grande do Sul. Pacificada a Província em 1º de março de 1846, empreendeu vigorosa ação administrativa e, quanto ao ensino, lançou, em 1º de fevereiro de 1846, na presença do Imperador, a pedra fundamental do Liceu D. Afonso, idealizado nos moldes do Colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro, onde ele estudara ao tempo que era Convento de São Joaquim.

O curso no Liceu era previsto para 6 anos com uma carga horária semanal de 42 horas, funcionando de 8 às 12, pela ma-

nhã, e das 14 às 17 horas à tarde. Situava-se no quadrilátero formado pelas atuais artérias Borges de Medeiros, Fernando Machado, Demétrio Ribeiro e Espírito Santo. Esse Liceu foi o alicerce de toda a estrutura educacional gaúcha.

Ele reuniria as aulas esparsas de Gramática latina, Filosofia, e Geometria de Porto Alegre e as de Latim e Francês de Rio Grande e mais a de Latim do Rio Pardo, sendo acrescidas as das aulas de Inglês, Geografia, Astronomia, História, Álgebra, Retórica e Desenho, segundo informa Moacyr Flores na publicação do CIPEL sobre a Educação no Rio Grande do Sul, 1998.

Sobre as dificuldades de recrutamento de professores para o Liceu, assim se expressou Caxias, como Presidente da Província, em mensagem aos deputados provinciais gaúchos: *Senhores deputados! Não deveis esperar que todas estas cadeiras sejam regidas por hábeis mestres, porque, desgraçadamente, a pouca importância que se dá aos mestres de nossa mocidade, afugenta da nobre carreira do magistério os que a ela se deviam dedicar com vantagem pública. E nem a remuneração prevista é tal que compense ou ao menos chegue para os misteres da subsistência dos mestres...*

CAXIAS, UM PRECURSOR DA AVIAÇÃO MILITAR BRASILEIRA

Na Guerra da Tríplice Aliança (1865-70), o Exército Imperial brasileiro defrontou-se com um grave problema operacional, decorrente da ausência de cartas, esboços e informações sobre o Teatro de Operações. Lutando numa planície, o pro-

blema de dominância de vistas para observação sobre o campo adversário tornou-se crucial para possibilitar a localização de obstáculos, de fortificações, das tropas inimigas e de sua movimentação.

Para compensar esta deficiência, recorria-se aos *mangrulhos*, postos de observações artificiais, com o formato de torres, para elevarem-se os observadores a alguns metros do solo. O *mangrullo* servia para a observação aproximada. Os reconhecimentos mais profundos eram feitos à viva força pela Cavalaria, e consistiam em verdadeiros ata-

fossem adquiridos nos EUA dois balões, com o equipamento para produzir hidrogênio, e a vinda, junto com os balões, de dois balonistas, os irmãos James e Ezra Allen, que haviam auxiliado Lowe na Guerra de Secessão, o qual não pôde vir para o Teatro de Guerra como Aeronauta do Exército Brasileiro.

Os balões e os irmãos Allen chegaram em Tuiuti em 31 de maio de 1867 e, em 24 de junho, já realizaram a primeira ascensão das 20 realizadas, só pelo balão menor, sendo que a última, em 25 de setembro de

1869, no flanco direito aliado, a 5 km de Tuiuti-Cuê, próximo à fortaleza de Humaitá.

Depois de três meses de uso que tornaram possíveis os reconhecimentos para atacar Humaitá e desbordar Curupaiti, os balões foram recolhidos ao acampamento de Tuiuti.

Houve 20 ascensões: de julho a setembro de 1867. A ascen-

são recorde, com guarnição, foi a sétima, na qual o aeróstato atingiu 140 metros de altura. Destacaram-se nestas operações os capitães Francisco César da Silva Amaral, Cursino Amarante e Conrado Jacob Niemeyer, da Comissão de Engenheiros. Silva Amaral, maranhense de São Luiz e filho de soldado homônimo, foi o primeiro brasileiro a desempenhar, em 12 de julho de 1867, atividades militares aeronáuticas. O segundo foi Cursino Amarante, com duas missões, e o terceiro foi Conrado Niemeyer,



Gravura mostrando um mangrullo, no acampamento de Caxias em Tuiuti-Cuê, próximo de Humaitá.
Fonte: História do Exército Brasileiro – Rio de Janeiro: EME, 1972. v. 2, p. 644.

ques, com grandes perdas em vidas de parte da força de reconhecimento.

O Marquês de Caxias, ao assumir o comando das operações, procurou sanar estes inconvenientes com o emprego de aeróstatos, prática usada na Guerra de Secessão nos EUA

Depois de um insucesso com um balão construído no Brasil, por intermédio do Professor Thadeu S. Lowe, que havia sido Aeronauta-Chefe do General Grant na Guerra de Secessão, Caxias conseguiu que

com quatro missões. O Capitão Antônio Sena Madureira realizou uma missão de observador aéreo.

Os irmãos Allen eram de Provence, em Rodh Island-EUA. James Allen, que foi o aeronauta chefe de Caxias, faleceu em Provence, em 24 de setembro de 1897, e em sua lápide, no cemitério de Swan Point, na qual figura a imagem de um balão em alto relevo, consta uma referência aos serviços



Alegoria sobre a 1ª ascensão de um balão, em 25 set. 1867 em Tuiu-Cuê, na obra *História da Força Aérea Brasileira*. (1975, 2 ed, p. 23) do Tenente Brigadeiro do Ar Nelson Freire Lavanère-Wanderley, atual Patrono do CAN. Prefácio do Brigadeiro Eduardo Gomes, então Ministro da Aeronáutica e hoje seu patrono, o qual referiu acerca do balão usado por Caxias na Guerra do Paraguai – “ele foi o primeiro emprego militar da Aeronáutica na América do Sul e a semente daquilo que muito mais tarde veio a transformar-se na Força Aérea Brasileira.”

que prestou ao Exército do Brasil, como informa o Brigadeiro Lavanère-Wanderley em sua *A História da Força Aérea*.

As 20 ascensões permitiram retificarem-se cartas anteriormente elaboradas; confirmar-se que a melhor via de acesso era Tuiuti – Tuiu-Cuê; descobrirem-se linhas de trincheiras contínuas no espaço entre Tuiuti e Humaitá e as intenções de uma tropa de Cavalaria inimiga.

Sempre que o balão aparecia, o inimigo fazia muita fumaça defronte suas trin-

cheiras, para as ocultar. Com este intuito preparavam de antemão fogueiras de pasto.

As últimas observações foram prejudicadas por esta contramedida.

Dionízio Cerqueira, testemunha ocular de uma das últimas ascensões, assim a descreveu em suas *Reminiscências da Guerra do Paraguai: O Marquês de Caxias, capitão experimentado e conhecedor da parte difícil de comandar, rodeou-se de oficiais inteligentes e instruídos. Nada desprezava do que pudesse ser útil ao Exército. Mandou vir um balão para se conhecer e se observar o inimigo. Que azáfama para enchê-lo! Felizmente, não precisávamos poupar ácido sulfúrico, como na República Francesa no fim do século 18, e não recorreremos como ela ao processo lento e difícil da decomposição da água, para a preparação do hidrogênio.*

Foi um dia de festa em nossos arraiais. Todos queriam ver o balão subir. Subiu, com efeito, mantendo-se no ar preso por cabos. Mas pouco se viu porque o inimigo enfumacou o campo com fogueiras e tiros de canhão. Nenhum serviço nos prestou. Felizmente não nos faltaram os reconhecimentos de nossa brava Cavalaria e dos esforçados oficiais de Estado-Maior e de Engenheiros e os informes de desertores e espiões.

O que Dionízio Cerqueira testemunhou como Alferes foi uma das últimas ascensões e não percebeu a grande validade

do balão no reconhecimento da via de acesso Tuiti - Tuíu-Cuê - Humaitá.

Este episódio dos aeróstatos, além de confirmar a sensibilidade de Caxias para o progresso tecnológico militar, evidencia seu pioneirismo nos primeiros passos da Aeronáutica Militar no Brasil, seis anos antes do nascimento do outro grande brasileiro, Alberto Santos Dumont, inventor do avião e Patrono da Aeronáutica Brasileira, e que começou sua escalada voando em aeróstatos.

O DUQUE DE CAXIAS PIONEIRO ABOLICIONISTA

Em 1º de março de 1845, no Rio Grande do Sul, na atual D. Pedrito, o Duque de Caxias, então Barão, tornou-se pioneiro abolicionista, quarenta e três anos antes da Lei Áurea, ao incluir, por sua conta e risco, a seguinte cláusula, na paz firmada com os republicanos farrapos:

.....
4º - São livres, e como tais reconhecidos todos os cativos que serviram na República.

Com isto, contrariou as instruções reservadas de 18 de dezembro de 1844, que recebera do Gabinete Liberal, através do Ministro da Guerra, que assim dispunham sobre os soldados farrapos, ex-escravos:

.....
5º - Os escravos que fizeram parte das forças rebeldes, apresentados, serão remetidos para esta Corte, à disposição do Governo que lhes dará o conveniente destino.

O conveniente destino seria o internamento dos soldados negros farrapos, ex-escravos, na Imperial Fazenda de Santa Cruz, no Rio de Janeiro.

Para evitar esta armadilha, Caxias invocou o Aviso Ministerial de 19 de novembro

de 1838 *que assegurava liberdade aos republicanos farrapos, ex-escravos, que desertassem das fileiras do Exército da República e se apresentassem às autoridades imperiais.*

Com este artifício, Caxias os libertou! Fê-lo para impedir que os lanceiros negros farrapos fossem enviados para o Rio e ali corressem o risco de verem suspensas suas alforrias, por fortes pressões de escravocratas da Corte.

Após receber, em Ponche Verde, 120 soldados ex-escravos, predominantemente lanceiros negros, incorporou-os ao Exército Imperial, nos três regimentos de Cavalaria Ligeira, estacionados na fronteiras da Província do Rio Grande, segundo se conclui de seus ofícios da época. E ali receberam-nos os comandantes tenente-coronéis Osório e Manoel Marques de Souza (3º), futuros Marquês do Herval e Conde de Porto Alegre.

Esta é a razão da citação de Caxias como abolicionista, em discurso presidencial do dia 13 de maio de 1888, alusivo ao Centenário da Abolição.

Por ocasião do início da Campanha Abolicionista, Caxias, já muito doente, havia-se retirado da vida pública, indo para a Fazenda Santa Mônica, em Juparanã, Valença-RJ, onde veio a falecer em 7 de maio de 1880.

O Corpo de Lanceiros Negros fora criado em Pelotas, em 5 de agosto de 1836, pelo tio de Caxias, Major de Infantaria do Exército João Manoel de Lima e Silva, revolucionário farrapo, mais moço do que Caxias e seu companheiro no Batalhão do Imperador, na Guerra da Independência na Bahia. Personagem que, mais tarde, foi elevado à condição de primeiro general da República Rio-Grandense.

O Corpo de Lanceiros Negros se constituiu em tropa de choque farrapa. Era in-



Lanceiro Negro farrapo existente em Museu de Bologna –Itália.
Reproduzido do Atlas Histórico do MEC

tegrado por ex-escravos, muito hábeis nas lides do campo, particularmente como domadores e campeiros. Segundo o General Tasso Fragoso, tiveram papel de relevo como consumados lanceiros, sob o comando da maior lança entre os farrapos, o Tenente-Coronel Joaquim Teixeira Nunes.

A estrela do Duque de Caxias (Folclore gaúcho)

Em 9 de novembro de 1842, precedido da justa fama de pacificador do Maranhão, Minas Gerais e São Paulo, o Barão de Caxias assumiu a Presidência e o Comando

das Armas da Província do Rio Grande do Sul, com a missão de a pacificar, depois de 8 anos de luta fratricida.

Tomou as medidas para apoiar a sua campanha e sair em campo. O Exército que iria comandar encontrava-se no Passo São Lourenço, no rio Jacuí, a montante de Cachoeira do Sul e a pé. Para remontá-lo, executou ousada, incruenta e feliz manobra, ao transportar, por terra, desde o Rincão dos Touros em Rio Grande, passando por Pelotas, São Lourenço, Camaquã e Tapes, 7.000 cavalos para restabelecer a mobilidade de sua tropa.

Ao iniciar, em 19 de março de 1843, sua marcha de Cachoeira a São Gabriel, seus soldados divisaram nos céus um fenômeno jamais visto. Era um enorme cometa que os soldados logo batizaram: *É a boa estrela do nosso General Barão de Caxias! É a Estrela de Caxias!*

O imaginário popular entrou em cena e a nova se espalhou pelo exército como um rastilho de pólvora. E foi sendo passada ao povo gaúcho, em caminho, não demorando a chegar aos acampamentos dos farrapos em Alegrete, onde eles haviam se reunido em Constituinte. O fenômeno os levou a crer ser um mau presságio à causa!

O cometa possuía uma enorme cauda apontando justo para o Alegrete. Foi vista enquanto durou a marcha de Caxias, de 16 a 30 de março de 1843, no itinerário Cachoeira-São Sepé-São Gabriel-Alegrete-Santana. E, neste local, chegaram, em 30 de março, Caxias, o seu exército e a sua “Estrela”.

Sobre este fenômeno, o grande astrônomo Ronaldo Rogério Mourão, cientista de renome internacional e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fez uma exposição breve no Insti-

tuto de Geografia e História Militar. Sintetizando sua elucidativa explicação científica, o que, no Rio Grande, foi denominada *Estrela de Caxias*, em realidade, nos anais de Astronomia, foi designado de *Cometa Brilhante de 1843*. Ele foi um dos mais notáveis que apareceram de 1800-1899. Tal era o seu brilho intenso que foi observado à luz do dia em diversos pontos do globo terrestre. Ele foi descoberto em 5 de fevereiro de 1843. Foi observado na Europa em 17 e 18 de março de 1843. Nos EUA, a sua última observação foi em 19 de abril 1843. No Rio de Janeiro, astrônomos o observaram de 8 de fevereiro a 3 de abril de 1843.

O Cel Pedro de Alcântara Bellegarde, diretor da Escola Militar do Largo do São

O cientista D. Pedro II também o observou e afirmou que a cauda quase atingia o zênite.

O *Cometa Brilhante de 1843* ou a *Estrela de Caxias* foi pintada por José dos Reis Carvalho, mestre de Desenho da Escola Naval. Esta pintura encontra-se, em mau estado, no Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro. Está na mesma dependência onde se encontram a *Espada Invicta* de Caxias e o binóculo com o qual acompanhou impressionado, no Rio Grande do Sul, o cometa que passou à tradição e ao folclore gaúchos como a sua *estrela*.

Indiscutivelmente, durante e após o aparecimento da *Estrela de Caxias*, ele teve muita sorte. Conseguiu consolidar a unidade nacional, em 1º de março de 1845, com a Paz de Ponche Verde, em condições honrosas.

Foi eleito senador vitalício pelos gaúchos, por reconhecimento e gratidão. Apreendeu a psicologia daquela gente e a bem se comunicar com eles. Certa feita disse a seu grande amigo, o General Osório, ao lhe encarregar de mobilizar o 3º Corpo-de-Exército, no Rio Grande, para a Guerra do Paraguai

Foi eleito senador vitalício pelos gaúchos, por reconhecimento e gratidão. Apreendeu a psicologia daquela gente e a bem se comunicar com eles. Certa feita disse a seu grande amigo, o General Osório, ao lhe encarregar de mobilizar o 3º Corpo-de-Exército, no Rio Grande, para a Guerra do Paraguai



O cometa brilhante de 1843, a *Estrela de Caxias*, pintado no Rio de Janeiro, em 1843, por José dos Reis Carvalho, mestre de Desenho da Escola Naval. Pintura que se encontra, em mau estado, no IHGB. Foi fotografada e restaurada, com auxílio de computação, pelo Capitão-de-Fragata Carlos Norberto Stumpf Bento, webdesigner do site da AHIMTB. (www.resenet.com.br/users/ahimtb).

Francisco, observou-o do Observatório Astronômico da Escola. Ele estimou a cauda de tamanho igual ou maior do que a distância da Terra à Lua. Mas, na realidade, o comprimento da cauda era o dobro desta distância, ou seja, 323 milhões de quilômetros.

em 1866: *Fale a estes guascas (bravos, destemidos, intrépidos) naquela linguagem que nós dois sabemos falar!*

Falou o ilustre astrônomo sobre a *Estrela de Caxias*. O que teriam a dizer sobre ela os astrólogos? ●